

A vida pós-Gaia | Davi Amorim de Andrade

“Dessa maneira, para os físicos, o acaso natural aparece consubstancialmente diferente do retrato que os matemáticos fazem dele. Realmente, existe na natureza um princípio fundamental de independência e de igual probabilidade à priori [...] Alguns propõe chamar esse princípio organizador de “Deus”. À primeira vista, que importância tem o nome, contanto que saibamos o que designamos com ele?”, Rémy Lestienne, O Acaso Criador.

Em 2027, um matemático israelense apoiador do governo Benjamin Netanyahu registrou aquela que seria a patente mais controversa da história. Inspirado no plano israelense para o governo de Gaza, ele criou o panóptico ômega: um algoritmo de vigilância que, a partir de muitos cálculos envolvendo matrizes em inteligência artificial, gerava a probabilidade de, vigiados por uma única pessoa, todos os seus contatos se comportassem de acordo com um interesse em comum, vigiados por esse único ente hiperconectado.

Ainda em 2027, um grupo formado por jornalistas satíricos e chargistas fizeram um lançamento coordenado de material satírico onde o presidente dos Estados Unidos Donald Trump era assassinado por um guarda-costas. O objetivo do grupo era treinar os algoritmos das redes sociais americanas para que algum segurança real do presidente, por puro acaso, visse as postagens e considerasse a si mesmo como o cumpridor de um destino ao cometer de fato o assassinato.

O grupo de chargistas, no entanto, não havia cometido nenhum crime e não havia nem mesmo pelo que ser julgado, pois o conteúdo

jornalístico satírico estava de acordo com a primeira emenda americana, considerada sagrada para democratas e republicanos quase em uníssono. O que tornou tudo isso possível foi o panóptico ômega, pois os chargistas tinham perfis hiperconectados nas redes sociais com o controle de milhões de seres humanos.

Ainda assim, voltar atrás para uma era pré-panóptico era impossível, pois traria consequências ainda mais imprevisíveis e catastróficas. No novo mundo que se seguiu, Darwin havia superado Rousseau como princípio civilizatório e a nova regra era a luta fatal pela sobrevivência no meio social. Dez anos depois, em 2037, a exceção que restava era Judite.

Judite começava mais um ano de trabalho. Seguindo um protocolo com menos de dez reagentes, ela podia fazer qualquer modificação genética numa pessoa que pagasse. A terapia gênica havia avançado bastante e fazer insertos de material genético de outros seres em pessoas era feito sem restrição alguma. Viver mais, ser mais forte, mudar a aparência física ou até se tornar uma verdadeira quimera com o animal favorito eram os principais produtos no catálogo. Judite, como especialista no assunto, cobrava o preço que valia sua mão de obra especializada numa economia predatória e sem misericórdia.

Ela receberia exatos mil reais para realizar um trabalho simples: fazer um homem de quarenta anos desenvolver uma cauda felina. Bom, os humanos têm silenciado os genes que fazem surgir a cauda no embrião, bastava modificar células tronco e enxertá-las no tecido ósseo das vértebras posteriores para fazer a cauda crescer. O resto era cosmético:

cor, comprimento e padrão de cores dos pelos. Ela achava o desejo do homem vexatório e lastimável, mas estava sendo paga para isso.

O mecanismo usado por ela era elegante: ao modificar o gene que regulava o silenciamento da cauda, ela produziria uma cópia que gerava um RNA dupla fita. Um RNA dupla fita só é encontrado naturalmente em vírus, então o gene modificado causaria uma resposta das células, silenciando também o gene normal. Ao silenciar o silenciador, ela teria um humano adulto com cauda: simples! Aquilo era o tipo de coisa que biólogos aprendiam na graduação e não era um desafio para Judite. Ela, apesar de modificar pessoas diariamente, não tinha nenhuma modificação em si mesma, tampouco estava preocupada com engajamento ou presença digital. Ela era proletária e mantinha sua liberdade a partir da venda da sua mão de obra. No mundo pós-Gaia, manter-se humano era possível apenas pelo dinheiro.

Mas você não vai fazer modificações em si mesma? Era o que perguntavam seus colegas. Na verdade ela queria fazer, sim, uma modificação em si, o enxerto de cloroplastos nas células da pele junto com os genes controladores. O maior desafio era manter o fígado e os rins saudáveis mesmo com os resíduos metabólitos da fotossíntese no sangue. Ela ainda estudava o assunto: envolvia métodos elaborados de ecologia e bioquímica usados no cultivo de plantas. Esse tipo de modificação era reservado aos mais ricos entre os ricos. O dinheiro podia pagar qualquer coisa e ela tinha expertise para fazer qualquer modificação genética desde que entendesse os princípios.

A vida de Judite era trabalho, estudo e zero interesse em redes sociais; ela era mesmo a exceção. Judite recebia, além do pagamento,

parte dos royalties de engajamento nas redes sociais dos clientes, cerca de 2%.

Está entregue! disse ela, passando para o técnico do laboratório um tubo com cerca de um ml de líquido com células transformadas via CRISPR, um método capaz de realizar modificações genéticas de forma segura e conveniente.

Não acredito que você não queira fazer modificações em si mesma, disse Edgar, ou Edy, um técnico, com pele de tubarão, escamas que davam hidrodinâmica ao portador, para quem a natação era apenas hobby. Os dentes afiados e a boca larga eram apenas cosméticos. Seu trabalho era crescer o tecido modificado e enxertá-lo no cliente. Quando eu fizer, disse Judite, *não vou precisar mais trabalhar aqui, nem em nenhum outro lugar.*

Tome cuidado para nenhum ecólogo escutar o que você disse, retrucou o técnico, virando-se. Ao voltar para casa, Judite viu seus móveis em lugares diferentes do que ela havia deixado; seus escritos em papel e livros físicos estavam sobre a mesa e não guardados como sempre. Aquilo parecia cortesia da polícia ecológica, que já havia visitado alguns de seus colegas. Judite começou a duvidar de si mesma: Não, deve ter sido eu mesma que mudei as coisas, por que a polícia ecológica estaria atrás de mim? Não, o meu projeto pessoal não traria um risco tão grande assim, pensou. Ela caiu sobre o sofá, cansada.

Sabendo que estava sendo vigiada de qualquer forma e querendo relaxar um pouco ela pegou o celular e instalou todas as principais redes sociais de volta. Vocês me venceram, seus bostas! disse ela.

Escolhendo com cuidado a pessoa mais conectada da sua rede ela resolveu que essa devia ser a mais conectada de qualquer rede: Patrick Oslo, o criador do panóptico ômega. Na sua timeline, vieram fotos de um homem vestido com cores básicas, frases edificantes de positividade tóxica e um discurso de transcendência pela autodisciplina. Aquele homem “fez a si mesmo”. Ciente de que, se todos os capitalistas querem dinheiro, pelo menos a pessoa que a vigiaria deixava isso claro, já que o panóptico ômega, a base de todas as redes sociais, era baseado na vigilância de todos pelo elo mais conectado da rede.

Ao aceitar os termos e serviços de mais uma rede social ela, sem perceber, já estava com o sistema límbico habituado à forma e ao conteúdo que aparecia, o cérebro se habitua rapidamente e a raiva passa rápido.

Ela era agora uma pessoa qualquer.

“Todos sabemos muito bem, com base nos estudos das ‘livres associações’, que os pensamentos aparentemente mais triviais ou aleatórios podem revelar uma inesperada profundidade e ressonância, mas que isso só se evidencia mediante uma análise em profundidade”,
Oliver Sacks, O homem que confundiu sua mulher com um chapéu.

Enquanto via fotos e vídeos de amigos e pessoas famosas, Judite percebia cada vez mais como seus gostos eram entendidos e capturados pelas redes sociais: vestidos com cortes elegantes e provocativos, modificações genéticas elaboradas com poucos passos e até caçadas no sul da Europa feitas com cães e cavalos que eram, eles mesmos, o

resultado de milhares de anos de seleção artificial. O que me falta? Falta... novidade, pensou.

Aos poucos, ela descobriu a função social daquilo tudo. Causar inveja, disputar o protagonismo. Tudo era egoísmo. Ela se lembrou do matemático Richard Price, que se suicidou ao concluir que todo altruísmo era o resultado de genes egoístas. Ela não conseguia ver o mundo de outra forma, apesar de a ciência já ter avançado além dessa visão. Judite não estava com vontade de se suicidar, apesar de ter chegado à conclusão de Price, e isso, em si, era algo estranho. Ao deitar fora o celular e dormir, ela, mais do que nunca, se sentiu parte de algo maior, um sentimento que a relaxou. Sem saber, ela descobriu um altruísmo biológico que ia muito além de genes egoístas.

No dia seguinte, ao ir para o trabalho, ela sentou-se no ponto de ônibus e esperou por meia hora. Um homem então surgiu, usava uma casaca marrom por cima do terno preto. Tinha rosto meio redondo com poucas rugas, olhos de íris verde musgo, adquiridos via uma modificações genéticas, e garras nas mãos que lembravam as de um lagarto. Tem um cigarro? Ele perguntou. Judite estendeu seu maço e acendeu o isqueiro.

Eu agradeço, ele disse. Ele continuou: escuta, não parece que o mundo está sempre por um triz? Sabe, a gente gosta de brincar de Deus, mas não vê as consequências disso para o planeta. É necessário que alguém seja altruísta, sabe; disse, dando um longo trago.

Eu concordo, disse ela, não querendo alongar a conversa. Vendo que o homem não ia embora tão cedo e vendo a demora do ônibus, ela decidiu fumar também um cigarro. Você sempre faz este caminho? Nunca te vi por aqui, disse ela.

Estou cuidando de algumas plantas, ele disse, sou ecólogo. Judite sentiu um calafrio. Será que foi aquele homem que invadiu a sua casa e mudou os móveis do lugar?

E você gosta de plantas? ela perguntou.

Só das nativas, ele disse. Dá trabalho fazer manejo de espécies invasoras.

Entendo, ela disse. Seu ônibus finalmente chegou e eles se despediram. Ela teria que pensar em outro caminho para o trabalho.

Ao chegar ao trabalho, ela tentou se concentrar em criar um vírus que carregaria em si os genes para modificar a íris de um ser humano. Não conseguiu. Eu disse que seria perigoso desafiar assim a autoridade dos ecólogos, disse Edy, ao perceber que Judite estava apreensiva. Ela não era a primeira pessoa da Bio-Zeno a sofrer aquele tipo de perseguição.

A autoridade e o controle social eram funções dos ecólogos, divididos em três castas: os regionais, os nacionais e os planetários, cujo poder excedia o das nações. Esses cargos eram burocráticos e a escolha era feita a partir de indicações políticas. A humanidade era considerada uma grande praga que infectava a Terra, precisando ser manejada. Fique tranquila, disse Edy. Ele vai te deixar em paz mais cedo ou mais tarde, quando perceber que você ou seus projetos não são uma ameaça econômica ou ecológica.

Só que qualquer nova modificação genética é uma possível ameaça econômica ou ecológica, disse ela. Imagine aquele cara que você modificou na semana passada que queria realizar saltos enormes, o que você acha que ele queria com aquilo? É óbvio que ele era uma espécie de assaltante, Judite concluiu.

É, mas eu não me importo muito com as razões dele, disse Edy. E também devemos considerar que, seja lá qual fosse a intenção dele, aquela modificação não tinha a menor chance de se tornar um perigo em larga escala; os assaltos a residências acontecem todos os dias, concluiu Edy.

Judite ignorou a norma interna do laboratório de não fumar em espaços fechados e acendeu um cigarro. Se eles me acham uma ameaça, ela disse, pois eu vou continuar sendo, pois eu não posso deixar de ser quem eu sou.

E o que você vai fazer? Perguntou Edy.

Ela sorriu e disse: eu não sou tola o bastante para revelar a você, Edy. Mas, por enquanto, eu vou conversar com outros da Bio-Zeno que também passaram pelo que eu estou passando.

Nesse caso, disse Edy, eu posso ajudá-la.

“A única exceção é o caso de Hildegarda de Bingen (1098-1180), freira e mística de capacidade intelectual e literária excepcional, que teve inúmeras “visões” desde a infância [...] Um exame atento desses relatos e ilustrações não deixam dúvida quanto à sua natureza: são inquestionavelmente originados por enxaqueca”, Oliver Sacks, O homem que confundiu sua mulher com um chapéu.

Se dirigindo ao refeitório da Bio-Zeno, Judite foi, guiada por Edy, para uma mesa com várias pessoas que conversavam entre si. Não pareciam ser grandes amigos, mas havia uma espécie de companheirismo entre eles.

Hérica, a Judite quer falar com você, disse Edy. A mulher, por sua vez, respondeu: Ora, Ora... Então a técnica que nunca fala com ninguém quer fazer *network*?

Não, disse Judite. Hérica então percebeu do que se tratava a conversa. Está bem, eu vou pegar um café com minha nova *amiga*, disse ela. Judite a seguiu.

O que foi? Foi atropelada ou o quê? Fala logo, disse Hérica. Judite, por sua vez, demorou um pouco para recuperar a compostura, mas logo foi interrompida por Hérica: olha, esses fascistas só se importam com uma coisa, que é manter o seu dia a dia. São burocratas, a verdade pouco importa mediante a um papel a ser carimbado, nem que seja para eliminar uma cidade, deslocar o fluxo de um rio, construir uma usina nuclear etc. Até mesmo eliminar uma de nós por qualquer risco que sejamos ao planeta, pois para mim, o ser humano no geral é que é o problema, só não admite.

E o que você recomenda que eu faça? perguntou Judite. Hérica pegou na mão de Judite e disse: não deixe que algo tão belo quanto o que saiu da sua cabeça e que incomoda os outros seja fonte de angústia. Um ignorante pode confundir uma obra cubista ou dadaísta com lixo. Se estão atrás de um projeto seu, pois exponha para todos verem! concluiu.

Você fala de forma insana, disse Judite, que logo percebeu que sua fala impactou o espírito de Hérica.

Pois resolva suas questões sozinha, disse Hérica, com raiva, voltando ao refeitório.

Judite passou sem ser vista pelos outros, até mesmo Edy ela evitou. Diante do fracasso que foi pedir ajuda, ela decidiu que seria melhor se

afastar de tudo por um tempo, tirar férias do trabalho, assim ela teria tempo para pôr a cabeça em ordem. A justificativa seria os efeitos da exaustão que o trabalho e questões pessoais estavam trazendo para sua saúde.

Sem ter o que fazer, ela voltou para as redes sociais. Ela gostava dos vídeos feitos por universidades estadunidenses que traziam guias detalhados sobre modificações genéticas. Ela podia escolher entre fazer doações ou assistir a uma propaganda como forma de retribuição. Essas, por sua vez, eram produzidas especificamente para induzir a compra de produtos por ela.

Judite não havia adicionado amigos em suas redes sociais e ficou surpresa ao receber várias mensagens na aba “conversas”. O remetente de uma delas era ninguém menos que Patrick Oslo, o criador do panóptico ômega. Era apenas propaganda.

“Aos que escolhem a alegria, entretanto, a ciência fornece este importante reconforto: na medida em que o acaso é criador, sua escolha talvez não seja ditada apenas pelo instinto ou pelo princípio do prazer, mas corresponda a uma visão coerente do mundo”, Rémy Lestienne, O Acaso Criador.

Judite deixou para depois para ver as mensagens na sua caixa de entrada. Ao sair de casa para cumprir com mais um dia de trabalho, após uma semana de recesso, ela pegou seu celular e viu que tinha várias mensagens acumuladas. De alguma forma, todas aquelas pessoas conhecidas encontraram ela na internet. Até mesmo a dona da casa que

ela alugava havia lhe mandado mais de vinte mensagens pedindo as mais variadas explicações sobre o estado da residência. Uma das últimas era um aviso de que ela mandaria uma faxineira arrumar tudo e verificar se Judite estava cuidando direito da casa. A data batia com o dia em que seus móveis foram mudados de lugar. Ao andar pela cidade, ela também se deparou com um ecólogo com mãos de lagarto chefiando um grande grupo de jardineiros que fazia manejo de todos os jardins e praças públicas do bairro. Era um projeto enorme.

De frente para o ponto de ônibus onde ela parava sempre para ir ao trabalho havia um enorme outdoor onde o rosto do Patrick Oslo estava ao vivo:

Povo da Terra, ele disse, estou pagando minha dívida com o planeta por todo o impacto ambiental que o meu panóptico causou no último dia. Está autorizada toda a forma de ódio público à minha figura pelos próximos dois minutos, o que passará a ser chamado “dois minutos de ódio”, um evento que se tornará diário a partir de hoje. Eu aceitei de livre e espontânea vontade permitir isso como forma de conscientizar a população humana da Terra sobre os impactos ambientais e econômicos da minha criação e incentivar um menor uso das redes sociais. Os dois minutos começam agora.

Nas ruas, mesmo a distância, se ouviu em uníssono o grito retumbante de pessoas que estavam frustradas com as condições de vida, o trabalho, a falta de tempo livre ou de lazer. Gritar com aquele homem que havia dado início a tudo aquilo, o descarregar da raiva de oito bilhões de seres humanos, era o ápice do capitalismo de vigilância, que havia encontrado a válvula de escape última para uma legião de

humanos que era conduzida com maestria por Patrick, que sairia dali com mais seguidores do que antes. Patrick era, para um novo grupo de seguidores fanáticos, o ápice do altruísmo na espécie humana.

*“ ‘Gatos comem morcegos?’, e às vezes ‘Morcegos comem gatos?’ ”,
Lewis Carroll, Alice no país das maravilhas.*

Após um ano, Judite terminou a sua pesquisa, tornando a fotossíntese em seres humanos uma tecnologia muito mais barata e segura. Ao fechar o contrato de venda para uma empresa privada de modificações genéticas, ela percebeu que não precisaria mais trabalhar, não só por já ser autossuficiente, como uma alga, mas também por receber os royalties de todos os que usassem a sua tecnologia. Um assessor de marketing da Infinitely-Green a aconselhou a ter um perfil profissional em cada uma das suas redes sociais.

Você vai ter mais seguidores até mesmo que Patrick, disse o assessor. Judite, ao ouvir aquilo, refletiu sobre tudo o que havia se passado no ano anterior e como a maior parte das duas preocupações foram fruto de paranóia, pura e simples. Ela resolveu então relaxar, ciente de que, dali em diante, o mundo seria muito mais generoso com ela.